

Por:

Aldair Cajícua

"Novembro"

# Dedicatória

Das várias bagatelas, esta pareceu aquela onde vi-me presente e revelado no corpo bem como nas distinção destas finas linhas que juntaram-se à minha mente para lhe contar esta história.

A você que tem lido as fracções de poemas e as cronicas do blogue não deixaria de granjear a estima que sinto em lhe dedicar o domínio da pequena "Lorena - Lolita".

A minha família,

Meus irmãos,

Minha mãe (**em memória**),

Meu Pai,

A mim.

# Capítulo I

Nenhum homem esquece a primeira vez que comete uma loucura por uma mulher, e com Samuel não foi diferente. Seus olhos rumaram para oeste vendo a despedida do navio de Madame Coronna Bells, seus admiradores povoavam a baia de Kingfisher. No horizonte.

Quando somente a mancha preta do navio se notava, o aglomerado desvanecia-se e como ele também se retirou. Fazia-se uma longa jornada de estrada até a cidade de Boa Ventura, Sam e Berta vínhamos junto do Paulo, no ruído da rádio de fitas cassete, o rosnar do possante Charger RT, motor V8 levaram Berta para um sono profundo ficando apenas Samuel a acompanhar Paulo que conduzia pelas curvas de Anaxioma.

Costa mar, a estrada vestia-se de um amarelado nas bordas reflectindo um céu azulado, agastado pelo final da tarde num véu de tom castanho cinza escurecido, pelos vidros das janelas ouvia-se a canção do vento zumbindo afogando o rouco comentário de Billie Boy nos seus programas da tarde na rádio. O matagal no arredor coberto de sobreiros, murtas de baccharis halimifolia e muita uva do mar e a vegetação arrasada pelo acostamento impediam a alegria do sol de sorrir antes do seu adormecer.

Passaram-se quarenta e cinco minutos no balouçar das curvas até avistarem as luzes do centro da cidade. Portagens recém-construídas paravam viaturas de alto, médio e baixo gabarito para controle da população certamente.

- Temos de pagar cento e cinquenta kwanzas e dez cêntimos – disse Paulo, como se ambos desconhecessem da matéria.

Num tom congelado, Sam concordou olhando para os longos vagões de comboio que parava a poucos quilómetros na estação. A prefeitura havia preparado uma cerimónia para recepção do novo governador.

- Qual é o nome do novo governador? – perguntou Sam girando a maçaneta do vidro da sua porta.

- Lima Marques – respondeu Paulo – Está se mudando para cidade com sua família hoje. – completou baixando o vidro do seu lado.

- Devíamos dar uma vista de olhos nas concubinas da sua esposa – falou baixo para evitar que Berta ouvisse.

- Vamos lá… - concordou Sam sorrindo para o amigo – vamos lá apreciar a beleza daquele grupo de jovens lideradas pelo governador Marques – num olhar fingido e desinteressado quando aproximavam-se das quedas da colina de Anaxioma, desceram e junto dos lancis daquele precipício no horizonte via-se o Parque Hochland a preparar-se para receber o sossego do adormecer. Sam, Berta e Paulo desceram a colina e juntaram-se à multidão que recebia a família do patriarca. Sam aproveitava observar detalhadamente os traços de cada um deles, governador Lima Marques era um homem aparentemente feroz, de bigodes negros e curvos, lábios untados de saliva por conta dos saboreados do Coíba Cubano. Sam atravessou por instantes o olhar duma jovem que fisicamente parecia uma adolescente com um semblante esgotado e assentou-se na deslumbrante figura da esposa de governador Marques.

Sorria e acenava para o povo dissimulando uma ébria e desprezada hipocrisia, bonita, pele acetinada, cabelos e olhos castanhados, trajada refinadamente em elegantes grifes de Vanguardia de Isabella, corpo bem proporcionado, cintura atilada numa estatura mediana, parecia estrela de cinema. Voltou seu olhar para a jovem que caminhava agarrada ao pai com medo dos olhares dos meneios fidalgos de posturas e jeitos que à recebiam.

Passaram-se alguns minutos até Berta se cansar daquela cena de mais de milhares de olhares flertando as garotas do governador, quando a família se aproximava ao fim da última carruagem Berta desgostosa rasgou os murmúrios dizendo:

- Já vimos o suficiente, podemos ir agora? - ninguém respondeu.

- Jovens! - gritou Berta num tom imperativo, Paulo assentiu respondendo:

- Vamos, vamos… - Sentiram que não podiam comentar e puseram-se a andar de volta na direcção dos degraus da colina acima.

O silêncio os acompanhou até apanharem o Parque Hochland na avenida Kingfisher, sentia-se o cheiro de álcool dos botequins e da gordura dos restaurantes causavam náuseas a quem inalasse, como sempre, Sam subiu o vidro da porta e se viram atravessando a avenida, os pneus amassavam o matagal das picadas da rua até chegarem em casa de Sam.

- Adeus Berta, Paulo… Cheguem bem. Berta! Toma conta desse demente.

- Farei, adeus Sam. - respondeu Berta.

- Vemo-nos mais tarde? - perguntou Paulo respondendo consentido.

- Não vai dar. - olhou para o ar deixando a brisa evaporar o calor e respondeu negando a oferta da visita de Paulo mesmo sabendo que ficaria sozinho durante as últimas horas da noite.

Naquela noite somente o som da rádio se ouvia, havia velas derretidas, papel e muito resto de pizza espalhados pela sala, a bagunça e desordem de que estava acostumado agora começava a lhe incomodar. Caminhou para a cozinha abriu a geladeira e pegou uma cerveja, entornou garganta abaixo matando o fôlego. Pousou a cerveja em cima da pedra de mármore branco apoiando-se nela. Jogou a carica no latão de lixo que rejeitara por conta do volume que vomitava.

- Isso está uma bagunça. – Pensou dirigindo-se para o canto da cozinha que mais parecia um arrumo, pegou na vassoura e uma pá e naquele instante começou a limpeza.

- É Paulo acho que tens razão tenho de arranjar uma empregada. A noite passava durante a faxina no apartamento.

Na torneira só passava água fria, deixou passar água no seu cabelo e esta escorria pelo seu rosto, com os olhos fechados a deixou relaxar seu corpo, tinha braços e abdómen meio definidos, não praticava desporto, seus ombros eram largos, e mantinha sempre seu corpo em forma, enquanto a água escorria olhou para o espelho e foi surpreendido com a imagem duma mulher, clara de cabelos escuros e um sorriso cativante. Céus! Assustou em voz alta repetidamente. Pegou o shampoo e lavou os cabelos, ensaboou seu corpo e cuidadosamente fez a barba deixando-a bem baixa, contornando seu rosto e sua boca, se enxaguou. Saiu e com apenas uma toalha amarrada na cintura sentou na cama e arrumou seus pertences na base do criado mudo de cor castanha agastado, sem guarda-roupas, havia apenas uma arara dupla com duas prateleiras coberta de camisas, calças, um terno preto e duas gravatas uma listrada em azul-escuro, castanho também escuro e branco, outra vermelha, se jogou na cama sem sequer verificar as travas das portas e as cortinas das janelas.

# Capítulo II

Acordou com um feixe de luz mirando seus olhos, numa branquidão amarela que maltratava seu juízo, na rua motores e buzinas das viaturas junto dos sinos das bicicletas guisando seus ouvidos. Mirou a cabeça para o tecto do quarto e fechou os olhos por alguns segundos, voltou a abrir e olhou novamente na direcção da janela, no final do interminável vagão de luz avistava o castanho creme dos edifícios da rua Pelicar e logo esfregou as mãos nos olhos forçando a visão, pudera perceber que deixara uma cortina por desamarrar na noite passada, pousou a mão direita sobre a banca e avistou o relógio.

Passavam nove minutos das sete horas, saltou da cama como foguete em direcção ao banheiro assim que se apercebera do atraso, poucos minutos se fizeram entre o banho e pequeno-almoço. Habituado a vida solitária e aquele estado de metódica e subvalorizada anarquia própria de um homem solteiro.

Fora do edifício a caminho da Escola de Santa Andrea o sol era coberto por uma nuvem cinza, os pássaros rumavam para sudeste, fazia-se um longo trajecto até ao final da rua, o silêncio acompanhava cada passo, seus olhos fixavam-se a faixada da Kingfisher. O matagal e a poeira da picada o intimidavam, acelerou seus passos e no instante seguinte se livrara da picada na fenda da rua. Atravessou a rua junto da multidão e percorreu a Pequena Pelicar abaixo, desceu o sótão da estação de comboios, pagou sua portagem e a estação estava lotada sobrando apenas espaço no vagão de carga, seguranças e reguladores de trânsito priorizavam mulheres empregadas e estudantes. Nos empurrões a procura de uma lugar Sam sentiu a mão firme de alguém puxando-o pelo ombro impedindo-o de avançar, voltou-se e levantou o braço direito acenando a mala castanha de cabedal puro onde transportava seus apontamentos, tentando se soltar.

Virou-se e logo acalmou-se quando reconheceu Jorge.

- Senhor professor.

- Como vai Jorge? – respondeu tentando recuperar o fôlego impregnado.

- Vou bem… Deixamos dessa formalidade senhor, sei que está apressado. Há muita confusão aqui vem comigo.

- Eu estou… – respondeu deixando-se levar direcção ao vagão reservado aos jovens estudantes e senhoras.

- Senhor por favor suba, meu filho precisa do senhor pra ser alguém… Até! – despediu-se orientando o segurança para auxiliar Sam.

- Obrigado Jorge – respondeu Sam pensando Graças a Deus, pensei que não haveria de embarcar.

No vagão, caminhou entre as senhoras e crianças até avistar os últimos assentos onde estavam outros professores e lá estava um assento à sua espera, tomou seu lugar sem olhar para os lados pensando “Como vou explicar o segundo atraso para Madre Emiliana, em apenas duas semanas.”

# Capítulo III

O comboio que levava seus desejos passou pela paragem da sua beleza, subimos abordo a caminho de casa, o cansaço e a fadiga do trabalho sentia-se na pele sabia-lhe um bom banho naquele instante. Sentado na poltrona aguardando a partida notara do outro lado do acento a jovem virada para janela.

Parecia aborrecida, não falava com sua amiga Júlia. O trem deu partida e em poucos segundos de viagem os olhos pesavam-lhe e em vagarosos pestanejos começou a adormecer.

Sonhava com uma mulher quase coberta de lençóis e deixava ver seus seios pequenos e maduros, recolheu seus calços e sentou-se junto dele, olhando a volta daquela enrugada borracheira que revestia a vidraça, Sam viu da janela de seu coração o corpo escultural desnudo, uma silhueta encantadora, feminina, que enfurecia seu ego. Fechou os olhos e por segundos, em sonhos, a tomou nos braços, seus beijos que almejava beijar, beijou naquele instante suas mãos acariciando os relevos presos em suas costas escorregam as suas estruturas femininas do seu traseiro.

Mesmo sabendo que não os tinha, por momentos surgiu-lhe a magia de um momento de prazer. Seus gemidos somados aos problemas divididos por uma luz de nível baixo revelavam na penumbra a mesma silhueta num cavalgar de um cisne galanteador um sorriso de satisfação do seu lindo retracto.

Poucos minutos passavam como horas perante o gozo. Ambos sabíamos que nunca houve descontos nos orgasmos que parecíamos ter, lentamente abriu os olhos, acordando do sonho e Lolita olhava fixamente o olhar de Sam num sorriso acolhedor que por instantes fitaram o chão desviando o assédio dos seus olhos, naquele momento, envergonhado por ganhar o um sorriso da estudante sentiu-se como se tivesse completo o orgasmo outrora sonhado.

O apito do comboio rosnou dando partida à viagem, Lolita e Júlia levantaram-se, e no cruzamento nada aconteceu Sam somente contraiu seus pés deixando-as passar inalando o veneno do Chanel da jovem. Quando elas se aproximavam da porta baixou a cabeça e em silêncio expeliu em sua mente a cronica de Mário Cortez - "Antes de saíres, apague a luz e fecha a porta e me deixa reluzir do calor, embora sinta na pele cada gota deste suor. Prefiro queimar no calor dos seus amaços que viver na solidão dos seus encantos.

Esse fogo que finge arder e que encandeia minha alma arrefecendo os pesares do meu intrínseco coração e cujas brasas carregadas de prazeres e desejos ferem o sentido dos amores e violam um ser amarrado aos pés do seu cisne negro que cavalga todas noites sob comando dos quem não sei, e que suas chamas veem-se apagadas sempre ao desmontado desse cisne negro. Eu continuo latejando desejoso, fervoroso com a tocha branca na esquina da fogueira vendo meus galhos em cinzas, meus cabelos molhados de incensos, o corpo cheirando a anelo ainda almejam seu calor e a poeira do solar na corrida desse cisne negro para no desmontar das noites emudecer também esse incêndio que me rodeia e me atormenta nas noites de lua cheia ou nas noites de nébulas frias que se arrastam frente meu olhar. "

# Capítulo IV

Vinte e três horas e quarenta e cinco minutos do dia vinte e sete do mês de Abril de mil novecentos e setenta e três.

Nem dera por conta da chuva a cair, as lágrimas do abandono brigavam comigo forçando-me a se defender de seus golpes. Num instante coberto pelos segundos senti o molhar dos seus banhos e com aquela brisa fria, rasgou um sorriso dos meus lábios, correu para dentro. Já era quase meia-noite, o brilho envergonhado do luar coberto pelos pequenos cristais de nuvens negras que criavam um sucursal de luz e lágrimas na escuridão, reflectia nas enormes janelas de vidro com formatos palacial, protegidas por persianas de madeira esgotadas pelo calor do sol e pelo enxaguado das águas. A chuva brigava com o chão embaciando aquela vidraça, levantou-se, mal apercebeu-se que a água era filtrada por uma janela semiaberta, um par de cortinados gigantes, impediam o brilho acinzentado e o espectáculo colorido das trovoadas que rasgavam os céus naquele momento.

Como num cenário de cinema, o candeeiro eléctrico da rua oscilava causando um efeito escopofóbico, então, sentiu a presença assustadora duma sombra naquele solitário salão. A respiração era notória, exalava um fumo branco sobre a luz do abajur de cúpula injectada em acrílico por baixo do longo quadro de Madame Coronna Bells, a figura fantasmagórica avançou três passos para junto da luz do abajur onde esta deixava distinguir a silhueta coberta de uma mulher por baixo dum longo casaco de linho castanho creme que naquele instante mais parecia escuro e um chapéu que mais parecia vermelho adornado com uma pena branca no topo, logo um vento passou por meu peito levando meu perfume até aquela figura que mais fazia-me entender um assassino.

- Quem és tu? - perguntou com uma voz trémula que não se deixava perceber. Sabia que naqueles tempos quase não havia assassinatos do género em Boa Ventura. Num segundo percebeu que o assassino não tinha de seguir moda para executar seu trabalho.

Sem responder a mulher tirou o chapéu, colocou onde Sam não pude enxergar mas como conhecia de cor e salteado a vasta residência supôs que pousara na estante de livros junto a longa cortina à esquerda, a seguir, caminhou para junto do reflexo da janela onde a luz deixou ver seu rosto, descansou assim que reconheceu aquela face jovem e bela de olhos médios, sobrancelhas desvanecidas pela pintura, lábios grossos avermelhados e canudos, que abanava a cabeça para libertar seus cabelos. Tirou seu casaco de linho castanho creme e pousou sobre a poltrona e pude contemplar um par de ombros descobertos jovem e perfeitos da estudante. Ela caminhou até Sam, antes que o medo dissuadisse seu corpo fingiu servir um último cálice de vinho para ambos. Aproximada àquele homem, suas mãos ignoraram seu cálice de vinho e focavam-se em desabotoar os botões a camisa de Sam, numa intimidade pousou sua mão sobre os pelos do peito viril de Sam. Este por sua vez sentiu o arrepio no toque de Lolita e a vibração forçou-o derrubar o cálice de vinho sobre o tapete branco de pena de pavão. Tanta sedução que parecia que o mundo a volta a pertencesse.

Olharam-se fixamente nos meus olhos, e, surpreendeu os lábios de Sam que almejavam por provar os seus, as pernas perderam as sustância acabando assim por renderem-se àquela carnagem. Então, seu jeito meigo de mulher convidou Sam a liderar o momento.

Sam mordeu seus lábios e levou o braço esquerdo ao final da sua coxa, convidou-a a deitarmo-nos sobre o tapete branco de pena de pavão sem receios de manchamos nossas vestes. Beijou seus seios e ousadamente seu indicador desvendou a frincha feminina, ainda coberta, focou-se em desnudar seu corpo. Jogou para fora suas roupas sem interesses em encontrá-las. Então, tomou-a nos braços…

Seu instrumento de prazer que outrora encontrava-se froixo e quieto mostrou-se enervado e desejoso, então seus pés que pisavam os pés de Lolita afastaram suas pernas e sensivelmente Ela cedia aguardando o séquito do coito.

Precavido dos pesares das palavras, Sam via-se pendurado nos pensamentos da noite junto daquela mulher desnuda. Eram pontualmente seis horas da manhã e catorze minutos passados do dia de sábado, sentava-me a beira da cama e observava a coxa destampada, o corpo de Lolita meio coberto pela ponta dos lençóis, a roupa íntima de ambos ainda estava jogada à margem da porta aberta davam-lhe a certeza da consumação dum desejo épico. Levantou-se, caminhou até à enorme janela esquerda e constatou monstros pelas ruas desgastadas de Kingfisher que transportavam a reestruturação com o desenvolver do tempo.

- Bom dia! – cumprimentou Lorena rasgando um sorriso da ponta dos lábios.

Encostou-se ao Sam pelas costas abraçando-o forte, podia sentir as pontas dos pares bem formados mamilos roçando seus rádios.

- Bom dia. Dormiu bem? - respondi prazeroso, voltando-se e avistando o rosto da estudante.

- Dormi sim… - respondeu forçando os braços assentir seu abraço.

Respondeu seus abraços com um abraço, desta vez sem receios, toquei o queixo da jovem com a mão direita e beijei seus lábios em beijos de selo e num carinhoso movimento levei minha mão direita a percorrer seu corpo, apalpando a sinuosidade do seu peito. Afastei-me e pus-me a apreciar a silhueta do seu corpo que por força da rigidez do momento, ontem não pude contemplar, alisei a cinta que separava as curvas do tronco e as ancas. Avistou o nadegueiro direito da estudante. Ai, beijou novamente sua boca e num grudo, amordaçou seu corpo carregando-o para borda das longas janelas de formato palacial, a cortina direita semiaberta, filtrava pequenos feixes de luz que penetravam pelos vidros manchados pela marcas das lágrimas das chuvas da noite passada, a poeira sobre o rodapé das janelas não impediu que apoiasse e levasse as pernas da jovem sobre ele.

Lolita sentava sobre colo de Sam, este por sua vez sentiu seu músculo enervado pela desenvoltura do corpo de sua amante, este, seguira o percurso do canal da vulva que já havia-se humedecido e podia-se sentir o grasnar de abnegação durante a acuidade forçada e vagarosa. O ginete no cisne negro durou por instantes até a jovem cansar, pegou as mãos de Sam e conduziu-o direcção à cama. Ajoelhou-se frente ao membro de prazer de Sam pegando com firmeza, pousou o músculo sobre sua língua e por instantes sentiu o gelado creme do orgasmo se avistando, conteve-se, pois nunca havia sentido tal sensação. Sam contorcia-se de prazer enquanto ela faminta, saboreava o tecido em movimentos delirantes e variados com a língua. Depois, Sam já não podia mais esperar, arrastou a estudante para topo da cama e esta por sua vez pulou em cima dele fazendo pressão para melhor acuidade, em movimentos rectos e pulos camboavam as pernas da cama em modo alarmante.

Lolita arqueava as costas ao sentir Sam deslizar para cima no interior dela, tão duro e ansioso que quase parecia que lhe tocava a espinha por dentro.

- Ahm… Oh… Sim… Isso mesmo!

Ela enterrava ainda mais os quadris para Sam penetrar mais fundo e baixando-se para o beijar. A cada entrada violenta Lolita sentia a sincronização dos impulsos dentro de si.

As descargas de Sam foram expressas levando-o para uma suspirar abafada, Lolita levantou-se e caminhou para o banheiro trancando-se por alguns instantes. Sam notando a preocupação da estudante levantou-se e abraçou a porta aguardando que ela saísse. Quinze minutos se passaram e o banheiro se abriu Sam olhou nos olhos de Lolita sem perguntar a beijou e levou-a para cama. Deixaram-se estar aí até Lolita adormecer sobre o peito escultural de Sam.

# Capítulo V

Nove de Junho de mil novecentos e setenta e três doze horas e vinte e pontualmente sete, vésperas de Outono, as videiras do quintal da mansão desfolhavam-se em cores de saudade, o sol estava bem no centro do céu limpo e azul, não havia nuvens no horizonte.

Os passos foram rápidos e precisos, cada degrau correspondia a felicidade de Lolita. Parou-se frente a porta e virou-se para onde podia ver a cidade. Bem do cimo das montanhas de Anaxioma estava a mansão de Marques, uma cascata com água a manarem romanticamente em degraus pelos cantos, porcelana na abobada do assento, candeeiros de lazerem no fundo da poça e um anjo que jogava água para baixo. A obra perfeita que roubava quase três metros de diâmetro foi construída frente a porta. Ao redor, jardins de relva baixa e uma lagoa mais ao longe de casa e muros ao altos na beira do faial.

Pôs-se estabula por instantes a apreciar a beleza do seu palácio e pensou: - Santa Andrea? Santa Andrea acolheu-me como nenhum outro instituto de ensino me acolheu, talvez pelo facto de ser filha do governador ou então pelo motivo de ser rica… Eu não me importo com esses pormenores! - Pensou Lorena voltando-se para a porta da mansão De Marques, abriu a porta e havia móveis espalhados pelos cantos da casa.

- Boa tarde Mãe - cumprimentou assustada com tanta desordem na sala de visitas.

- Bom dia Lolita, Dona Maria está na cozinha, preparou seu doce preferido. – Respondeu Lisa apontando na direcção da cozinha.

- Já não sou criança pra estar a me paparicar desse jeito mãe, tenho quase dezassete anos e quero ser tratada como uma mulher - voltou-se resmungando e apontando o dedo.

- Ohm, minha bebé quer autonomia. Vai lá - Lisa despachou sua filha acarinhando-a pelo nariz.

- Me solta Mãe – resmungou Lolita alegre.

Dirigiu-se à cozinha e lá estava Maria, Zilda e Elvira preparando o almoço.

-Bom dia gente! – cumprimentou todas com um beijo e abraçou a governanta e confidente num grudo seguindo para geleira. Serviu um pedaço de gelado de creme de leite com núcleo de mel torrado e crosta chocolate granulado em uma taça quando Maria avançou questionando-a – Onde você dormiu ontem Lolita?

Lorena quase que se engasgava, engoliu a porção que tinha na boca quase ferindo sua garganta e tossiu, fitou sua babá fixamente, sem responder, tomou sua taça de gelado adicionando chantili no topo e saiu da cozinha.

Elvira e Zilda perderam-se olhando estabulas para Maria, esta por sua vez perseguia Lolita dizendo: - Menina não me dê as costas!

Lorena cruzou sua mãe apressada, subiu as escadas caminhando até a porta de seu quarto sempre ignorando a amasseca. – Eu tive que mentir pra sua mãe sabe? – Resmungou Maria ajudando-a a abrir a porta. Lorena entrou mordendo a colher cheia do gelado e de boca cheia respondeu: - Dormi em casa da Júlia!

- Come com calma, ainda te engasgas. – falou Maria olhando fixamente nos olhos de Lolita.

- Por mais que eu gostaria, não consigo acreditar! Eu liguei pra casa do Senhor Breezy e a Sany me disse que não viu Júlia acompanhada – continuou.

- Me diz aonde você passou a noite? – perguntou imperativamente Maria.

- Já disse aonde foi que passei a noite. Se tens alguma dúvida liga novamente e pede para falar com Júlia. – respondeu Lolita aborrecida

Continua…

# Capítulo VI

# Capítulo VII

# Capítulo VIII

# Capítulo IX

# Capítulo X

Onze e cinquenta e sete minutos do dia quatro de maio, Samuel olhava pelos espelhos do vagão aguardando a chegada, aparentemente desgastado e abandonado, voltou seu olhar para o relógio, quisera que o tempo passasse à velocidade da luz embora por momentos parecia que corria na velocidade do comboio.

A sala de espera da administração de Boa Ventura estava lotada e os espectadores zumbiam em murmúrios de insatisfação.

- Desculpe senhor governador, mas não… - ouviu Paulo tentando se explicar ao dirigente enquanto caminhava a secretaria. O governador soltava fumaça pelas narinas, seus grandes olhos em vinheta avermelhada fitaram os de Samuel e este por sua vez assentiu voltando sua face ao final do corredor. Sentiu que a administração estava no rubro e o governador deitava lava do canto da boca. Tentou sentar-se quando ouviu alguém cochichando seu nome na sala ao lado – Sam, Sam me ajude aqui por favor! - era Lucy cheia de papel para transportar correndo dum lado para outro, apreensiva.

Governador Marques caminhando para sua sala diz à secretária: - Lucy! Quero todos os registos das obras da cidade bem como os seus arquitectos, desenhadores e investidores na minha sala. Agora!

- Senhor Governador, o engenheiro Luther faleceu a três meses atrás, não conseguimos contactá-lo Senhor. – Respondeu empilhando os arquivos sobre o colo de Sam.

- Desenterra o homem! Eu quero todos aqui! Dos empreiteiros aos investidores… – respondeu categoricamente e arrogante mordendo a charuto pela ponta do filtro e olhando seus apontamentos.

Quase trinta minutos se passaram e as esperas finalmente sessavam, engenheiros, bancários, investidores e demais individualidades se reuniam na prefeitura.

Enquanto decorria as apresentações, Sam focava-se em como desmistificar a granulosidade dos seios que contendiam-se com botões entreabertos da camisa da secretária. Sabia que Lucy não tinha outros relacionamentos fora as experiências no trabalho.

As horas passaram naquela exibição de conhecimento e poder, Sam notando o esgotamento estampado no rosto de Lucy ofereceu-a seu ombro e ela fingindo não querer rendia-se aos cuidados daqueles másculos rolos de carne e calor. Convidados e oradores se retiravam da sala e como sempre Lucy saia no final apagando as luzes e fechando a porta. A intimidade de ambos começara a crescer em pequenas conversas e piadas, todas elas, claro por iniciativa de Samuel.

O sorriso de Sam esfriou quando da porta da secretaria entrou Dona Lisa acompanhada de Lolita e Júlia, imóvel e sem saber o que fazer ou falar passou Lucy para frente sem que ela notasse. Dona Lisa deslumbrante e sorridente como sempre atravessou o corredor cumprimentando Sam e Lucy, Lolita esticou sua mão à Lucy sorrindo como quem estivesse a identificar o inimigo e deu dois beijinhos na bochecha de Sam sussurrando no seu ouvido, avançou mordendo os lábios e enrolando a ponta do seu cabelo. Júlia mais espontânea parou dizendo:

- Não sabia que o professor trabalhava aqui.

- Trabalho na escola pela manhã e aqui no período da tarde menina Júlia – respondeu Sam com um sorriso rasgado.

– E como vai você? – perguntou Júlia.

– Eu vou bem e você?

– Bem obrigada. Sabia que Lorena vai fazer anos na próxima semana?

- Não sabia não! – respondeu olhando para Lucy. Esta que por sua vez estava se passando com a cena.

- Gostaríamos que aparecesse! Você e seu amigo jeitoso... – terminou sorrindo.

- Veremos… Acho que estão te chamando na Dona Lisa. – respondeu olhando para as senhoras na porta da Sala do Governador.

- Ah! É sim… tchau! – respondeu Júlia retirando-se.

Lucy olhava para a jovem caminhado ao final do corredor quando voltou seus olhos para Sam dizendo: - muita intimidade você tem com essas miudinhas, não?

Sam sorrindo respondeu: - São minhas alunas, tenho que ser mais amigo do que um simples professor.

- Até ao ponto de te convidarem para uma festa onde só terá fedelhos… E ainda, ela chamou Paulo de jeitosinho?

- Não foi jeitosinho, foi jeitoso! – respondeu em gargalhadas. – E nem sei mesmo se vamos à esta festa.

- O que foi que a bonequinha do Governador lhe sussurrou no ouvido? – perguntou Lucy com um semblante sério.

Matando o sorriso, Sam respondeu dizendo: – não me disse nada. Você é que está vendo coisas onde não existem!

Fora da administração Sam não hesitou e botou sua mão na cintura de Lucy, ela sem revindicar respondeu seu abraço colocando também seu braço sobre Sam. Paulo despedia-se de Dr. Breezy, o casal se aproximou a Paulo e este numa alegria beija Sam na bochecha dizendo: - Estou cativando o homem para investirmos naquela nossa ideia.

- Ahm, okay! – respondeu Sam.

- É impressão minha ou vocês estão muito juntos? – perguntou Paulo.

- Hahaha, vou levar Lucy para jantar no Paparocca. Podias chamar Berta para se juntar à nossa. – respondeu Sam convidando o amigo.

Secretamente Paulo e Sam já haviam combinado nas outras vezes. Era comum um convidar outro no primeiro encontro com uma garota, para eles garante maior confiança a conquistada personagem.

- Nã, não posso estragar vossa noite. Viram a Dona Lisa? Estava deslumbrante! – Disse Paulo com a mão no queixo.

- Vi sim. – respondeu Lucy – sempre gostei dela, veste-se bem, ela usa uma tendência que por acaso tenho acompanhado.

- Ahm, não prestei atenção - respondeu Sam sem qualquer hesitação olhando para Paulo - precisamos duma boleia mais logo Paulo, poderias me ajudar? - Mal Sam terminou seu pedido ao amigo, Lucy cruzava com uma resposta directa impedindo que Paulo respondesse - Não será necessário Paulo, vamos de carro do meu Pai né Sam?

Sam desviou o olhar para frente da rua, podia-se notar um misero senso de vergonha. - Por mim não há problemas - respondeu voltando o olhar para Paulo.

- Está bem, vens connosco Lucy? - perguntou Paulo abrindo a porta do carro.

- Venho sim! Vou só me despedir de Suzi… venho já... - Lucy saiu do trio as pressas deixando os rapazes aguardando.

- Viu como ela está caidinha por você? Meu rapaz, ela é muito gostosa… aproveita! - disse Paulo se agarrando no braço de Sam.

- Tenha mais respeito jovem - repercutiu Sam afastando Paulo. – Não tenho gostado muito da forma como ela intervém nas conversas, parece que quer me mostrar que ela tem, pode e sabe.

- Ela é possessiva meu! – respondeu Paulo.

- Viu a filha do governador? – perguntou Sam.

- Vi sim, porque? Você quer algo com aquele anjinho rapaz? – perguntou Paulo gozando com o amigo.

- Não! – Samuel disfarçava bem, seu jeito calmo e detalhista não deixavam perceber seu semblante face uma mentira. – Ela convidou-nos para seu aniversário na próxima semana. Você vem comigo, não? – terminou Sam perguntando ao companheiro.

- Claro! Eu tenho escolha? – enfatizou Paulo sorrindo com o amigo.

O motor rosnava pela rua Pelicar, casa e lojas nas bermas da estrada ficavam numa linha desfocada, pessoas e carros enchiam o acostamento e as luzes dos lampiões começavam a acender junto ao porto de Caio de Boa Ventura. Sam vinha no banco de trás com Lucy.

- Paparocca não é um bom restaurante, podíamos ir noutro bem melhor, o que você acha? – perguntou Lucy baixinho para que o condutor não ouvisse. Não quis que Paulo soubesse de mais uma das suas.

Sam, na mesma intonação respondeu: - está bem minha querida, podemos ir ao Rozelle ou ao Seven, Grill ou então o Brasserie lá pelas bandas do Anaxioma.

Paulo forçava-se para alcançar cada murmúrio do casal pelo retrovisor. – Peço desculpas ao casal mas temos de passar no Hospital Marilena pra pegar Berta, pode ser?

- Pode sim.

Doze minutos faltavam para as dezassete horas quando avistaram Berta sentada à sombra da figueira de folhas castanhas, verdes e marrom, junto do portão do Hospital Marilena. Antes de subir no carro parou junto da porta tentando identificar quem era a mulher sentada junto do Sam. - Boa tarde! - cumprimentou e já foi se apresentando numa alegria. Lucy numa espontaneidade apresentou-se - Oi sou a Lucy a namorada de Sam. Paulo virou-se para o amigo e sem que este respondesse deu partida.

# Capítulo XI

Vinte e uma horas e dezasseis minutos do dia quatro de maio, o céu estava parcialmente limpo, deixava-se ver o reflexo das estrelas num infinito brilho da lua e sobre elas, fragmentos de nuvens completamente dissipadas tentavam cobrir a lua pelo norte da cidade. O carro que trazia Lucy aos tapetes do Restaurante Rozelle encostava na porta quando deste desceu uma mulher de pele clara que vestia Tuffum num negro com listras brancas brilhantes, trazia nos pés um salto zero noventa, super-refinado bolsa Kelvin Clain, brincos de ouro Egípcio e pérolas brancas nos colarinhos.

Quando as portas do restaurante se abriram e Lucy entrou, Sam deixou seu queixo caído. - Nossa! Como ela é linda! Lucy parecia ter entrado numa cena de um conto de fadas, ou algo parecido.

Meio atrapalhado, Sam levantou-se e caminhou até a recepção onde Lucy estava naquele instante consultando sua reserva. – Oi! Tomei a liberdade de abrir a conta da nossa mesa. – Encostou-se à Lucy e inalou o cheiro daqueles cabelos em cachos castanhos, longos e encaracolados, beijou a testa da colega e sussurrou no seu ouvido – Você está deslumbrante.

Caminharam até a mesa, Sam abriu a cadeira deixando a dama sentar-se. Lucy levantou o Menu até cobrir o nariz desviando o olhar toda vez que sentia Sam a fitá-la.

O cavalheiro tinha o coração pulsando no peito e toda vez que sentia o cruzamento dos olhares dizia: - Você está maravilhosa!

Vinte e três horas e quarenta e dois minutos, entravam no pequeno hall entre o elevador e a maciça porta dupla de madeira que levava ao apartamento de Lucy.

Sam entrou no hall seguinte. O chão era de mármore rosa, com duas estátuas gregas também de mármore em nichos opostos da parede, com uma iluminação indirecta, de cor amarela que deixava o hall com ar confortador. Desceu os três degraus que dava para uma grande sala de jantar, com uma imensa mesa de madeira polida, com oito cadeiras de espaldar alto e veludo vermelho, do lado esquerdo havia um enorme buffet com algumas baixelas de prata de que Lucy recebera de sua mãe. No centro da mesa arranjos de rosas vermelhas, que exalavam um cheiro agradável por todo o cómodo.

As cortinas entreabertas deixavam ver dali o parque XXXX junto do vilarejo de Gonzaga. Sam pouco frequentava locais refinados como aquele. Perdido na beleza que espectava no apartamento que nem dera conta de Lucy desaparecer. Imóvel, sem saber onde caminhar, dirigia-se a primeira porta que vera quando Lucy surgiu do cómodo ao lado.

- Deixa-me te tirar esse casaco!

- Ahm! Sim está aqui – respondeu Sam.

- Esteja à vontade Sam. Bebes alguma coisa?

- Não! Não obrigado – respondia o homem naquele jeito tímido dissimulando seus interesses.

Sam despiu-se do casaco de

O Lentamente, Sam com muita ternura, desceu sua boca sobre a boca de Lucy, deixando a respiração dançar sobre sua pele, capturando em seus lábios um beijo longo e quente. O tempo derretia como gelo num dia de calor.

Ela tinha a cintura fina, suas mãos quase se fechavam em torno dela; e um piercing no umbigo ressaltando a barriga recta, era puro deleite erótico. Seus pelos pubianos eram macios, um pouco mais escuros que seus cabelos loiros e tinham a forma de um triângulo perfeito. Seus “lábios” eram normais, generosos, dando o acabamento exacto para a entrada ao paraíso. As pernas de Lucy eram fortes e musculosas, sem perderem a feminilidade, sempre foram a maior tentação para Sam. Ele era um homem de sorte em tê-la ali em seus braços e por saber-se amado por um ser que era a personificação de que os seres humanos eram verdadeiramente a semelhança de Deus. Perfeitos!

Desenvolver o acto

- Diz-me a verdade, Sam – disse Lucy uma manhã ao vestir-se – Estou a ficar gorda?

- Claro que não! – respondeu ele e era verdade porque, embora tivesse de facto engordado, ainda estava muito distante de ser gorda. Lucy precisava ser tranquilizada, para não falar do facto de ser uma lentidão extrema na cama, começava a cansá-lo um pouco.

# Capítulo XIV

O Dr. Breezy quer que abra uma oficina com ele – disse Paulo em gargalhadas – Dá pra acreditar? Até me ofereceu sociedade nos lucros.

Sam manteve-se calado, olhou para Paulo e esquivou sua face pra baixo fitando a garrafa de black scout.

- Fartou-se de insistir. Se eu não soubesse sua reacção, meu amigo, teria dito sim. Disse-lhe que era impossível. Já tínhamos complicações que cheguem com o Governador, imagina com ele?

Sam continuou calado. Imagens eróticas de Lolita assaltavam-lhe o pensamento. Estava a imaginar o sabor das diferentes partes do corpo da estudante. A sensação era tão real que lhe crescia água na boca.

Voltando o olhar para seu amigo, Sam desolado respondeu - Depois pensamos melhor nesse assunto irmão. – Paulo assentiu o estado do seu colega e perguntou – Como vai seu namoro com Lucy?

- Não vai bem pra mi… Eu, Não sei! – Sam respondeu olhando para o copo de cerveja, literalmente com semblante arrasado e medonho – O que me atraiu na Lucy é a destreza como resolve os assuntos no escritório, inteligente e bonita mas sua falta de habilidade na cama e desinteresse pelo assunto me incomoda. Sabia que quase sempre sou eu a dar os primeiros passos, é como se ela esperasse pacientemente a minha vontade se manifestar, e nunca tem necessidades próprias?

- É chato! Mas ela é uma boa moça. Disse Paulo.

- Até é, apesar de ela ter outras qualidades para fazer qualquer homem se apaixonar. Eu já não consigo parar de pensar na Lorena. Disse Sam acarinhando a unha do seu polegar esquerdo.

- Quem é a Lorena? - Perguntou Paulo.

- É a Lolita! - Respondeu Sam.

- Lolita? - Questionou confuso.

- Sim, a estudante do décimo segundo ano de quem te havia falado tempos atrás… - Respondeu Sam matando o folego com último gole de cerveja.

- Ahm sim… me lembro. – Olhando para o relógio no seu pulso esquerdo. - Tenho de voltar para casa, antes que Berta note minha ausência. - Falou Paulo cortando o juízo da conversa, levantando-se e sacando da carteira uma nota de cinco mil kwanzas.

Sam tentou se levantar mas sentiu seus ouvidos zumbindo e a cabeça às voltas, pousou a mão esquerda sobre a mesa de madeira rústica da cervejaria Queiroz Pelicar, disfarçando a leve tontura, levou a outra mão ao bolso direito da sua jeans by Levi & Straus e retirou uma nota de dois mil kwanzas voltou a mão ao bolso e sacou algumas moedas, contou catorze cêntimos e voltou pô-las no bolso.

Passavam quarenta e três minutos das vinte e uma horas, arrastava-se uma brisa agradável, o céu estava limpo, o cheiro nauseabundo dos medonhos sacos de lixos levaram Paulo aos vómitos junto ao lampião da rua onde se agarrou por segundos. Haviam tomado dose garrafas de black scout preta cada, o pujante de Paulo estava estacionado no acostamento da rua adjacente a Pelicar aguardando empoeirado e embaciado. Caminharam até ele atravessando os passos em canções de amor de Mário Cortez.

Nossos corações,

Cheios de emoções.

Lindos momentos, vamos relembrar;

Pra sempre estarão,

Vivos em nós - Cantou Paulo

Em coro respondiam: Amor só tu e eu, amor só tu e eu…

Mal Sam fechava a porta do carro, Paulo o atacou questionando – Lolita é filha da Dona Lisa não?

- sim é.

- Se é a filha da Dona Lisa então é a bonequinha do governador! – Paulo exclamou olhando firmemente para o amigo – sabes qual é a borrada que você cometeu? – perguntou preocupado.

Poucas eram as vezes que Sam via seu colega preocupado, mas dessa vez sentiu que o assunto merecia total atenção – sei da gravidade desse assunto.

- Quantas vezes você dormiu com ela?

- Algumas vezes! – respondeu Sam envergonhado.

- Algumas mas quantas? Porra!

- Talvez umas três ou quatro vezes creio eu! – Sam tinha em sua mente a certeza que se Paulo soubesse das vezes que ele dormiu com Lolita o assunto provavelmente deixaria o baú dos segredos e passarias para outros ouvidos.

A viagem até a Kingfisher foi silenciosa. Os companheiros olhavam-se e evitavam tocar no assunto que corroía Paulo que quebrou o silêncio numa travagem repentina dizendo: - falamos desse assunto noutro momento, agora estou atrasado. Boa noite mano.

- Conduza com cuidado, adeus Sam. - respondeu Samuel.

Entretanto, Sam estava de regresso ao apartamento, abriu uma garrafa de gin tónico e entornou no copo, num gole violentou sua laringe engolindo sem pousar na língua para afastar desesperadamente Lolita do pensamento. Cada vez que parava estábulo cauterizavam-lhe imagens eróticas e doloridas. Parecia-lhe vislumbrar Lolita pelo canto do olho, nua, a sorrir-lhe, mas as aparições desvaneciam-se toda vez que ele pousava o olhar na estudante.

Carregando a garrafa de gin e dois cubos de gelo semiderretidos no copo, dirigiu-se a sala e botou Natural Woman de Aretha Franklin no leitor de cassetes.

A noite parecia desastre interminável. Sam completamente ébrio deitou-se de cabeça virada para cima fingindo não ouvir sua mente. A voz de Lolita dentro de si corroía cada pensamento.

- Ah não! Comecei a pensar de novo nessa miúda? Perguntou-se aborrecido, voltando-se de barriga para baixo praguejando e empurrou a cabeça contra a almofada quente. Por longos minutos deixou-se estar contorcendo-se debaixo dos lençóis. Ecoando rogava pela luz do dia. - Nunca amanhece? - Em morosos pestanejos chegara o almejado descanso em sono pesado sonhando com a jovem.

# Filho! não ousa condenar meus feitos de guerrilha, condena minha fé... Governador Lima

Deixa que o tempo irá desvendar o que realmente sentimos... Lorena “Lolita” Lima.

Nunca termine a viagem com quem prejudicou o teu trajecto. Paulo